

AUTOR(ES): VIVIAN FERREIRA MELO, ALANA GANDARA DE JESUS FERREIRA, MALBA THAÃ SILVA DIAS e DÉBORA CAROLINE VASCONCELOS MARQUES.

ORIENTADOR(A): VIVIANE BERNADETH GANDRA BRANDÃO

A FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA NA ATUALIDADE E SEUS FATORES DETERMINANTES

Introdução

A definição de família brasileira esteve fortemente associada aos modelos de famílias romana, canônica e germânica. No modelo romano, a família era governada por doutrinas religiosas existentes entre os membros que praticavam os mesmos que os antepassados nomeavam. Procedia também como uma família monogâmica e havia predominância do homem na família. O modelo canônico nomeava-se como parentesco moderno de consanguinidade, e diferente da romana, dava ênfase ao caráter patrimonialista por ser contra os divórcios. Apresentavam princípios distintos da própria índole da família e aos interesses dos filhos. E o último modelo germânico, tem sua maior contribuição de reduzir o grupo familiar aos pais e descendentes (ROSAS, 2019).

Segundo Fleck e Wagner (2003), a definição da família tradicional, normalmente se dava por distribuições de funções, em que a figura masculina ocupava-se do lugar de exercer um trabalho remunerado, responsabilizando pelo sustento do lar, enquanto a mulher dedicava-se inteiramente aos cuidados com os filhos e o lar. Mas ao longo dos anos, a concepção que se tinha do arranjo familiar sofre mudanças, e este passa a não ser tão comum na realidade do século XIX e início do século XX. Dessa forma, os novos modelos familiares, passam a ter papéis mais adaptáveis e os encargos financeiros, do mesmo modo que os cuidados com os filhos e a casa, passam a ser divididos entre os cônjuges.

Conforme Dessen (2010); Grzybowski (2002) e Wirth (2013) *apud* Melo e Marin (2016) pesquisas apontam que ocorreu um aumento significativo de divórcios, tendo assim, a necessidade de ter um novo arranjo familiar. Passando por essa perspectiva, pode-se concluir que existem outros ângulos sob os quais se define família. O ciclo familiar pós-moderno indica uma pluralidade de arranjos familiares, podendo encontrar entre eles, a família monoparental.

A família monoparental é caracterizada por uma figura materna ou paterna que vive com filho (s), sem que haja a presença do outro genitor ou de alguém que possa substituir, esta foi considerada como família pela lei com a promulgação da Constituição de 1988 (BABIUK, 2015).

Nesse sentido, este estudou buscou refletir sobre a monoparentalidade, assunto ainda pouco discutido na área da psicologia. Teve como objetivo analisar como a família monoparental feminina tem desempenhado seus papéis na sociedade moderna e visualizar de forma sistemática como se posicionam e se organizam na sociedade. A monoparentalidade feminina, mesmo sendo uma realidade presente em toda história, cresceu de maneira considerável com a modernidade e com o aumento da população, a visão obtida e aceita das mudanças da composição familiar retrata os relacionamentos familiares e interpessoais, sendo necessário uma análise de como as pessoas se agrupam, sendo geralmente por motivo de razão afetiva. A mulher que assume o papel de chefe da família ocupa um espaço diversificado sendo pai e mãe, proporcionando sustento, educação, e o afeto que a família precisa ao mesmo tempo. O preconceito sobre a família monoparental feminina, é constituído de uma ideia enraizada, em que a mulher não pode ser feliz a não ser que tenha construído uma família tradicional, padrão, este, que foi imposto com frequência pelas gerações passadas. O estudo então busca além de trazer uma contextualização sobre o assunto, incentivar a busca da compreensão das diferentes realidades existentes na sociedade, como a da família monoparental feminina.

Material e Métodos

Como metodologia, tratou-se de uma pesquisa de natureza qualitativa de caráter exploratório-descritivo, com corte transversal e de abordagem teórica empírica. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, o projeto de pesquisa foi enviado ao Comitê de Ética das Faculdades Integradas do Norte de Minas - FUNORTE e aprovado sob o parecer nº 3.791.466 em 27 de dezembro de 2019. Após a referida aprovação, foi realizada a pesquisa de campo com pessoas que se declararam famílias monoparentais femininas e desempenham papéis sociais na sociedade contemporânea.

A amostra foi composta por 10 mulheres que foram selecionadas através de busca ativa, respeitando os critérios de saturação. Para a produção de dados empíricos foram realizadas entrevistas que seguiram um roteiro semiestruturado composto por cinco questões. Foram incluídas mulheres que aceitassem participar de forma voluntária da pesquisa e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que fizessem parte de um contexto monoparental se declarando chefe da família, serem maiores de 18 anos. As pesquisadoras agendaram junto com as mulheres que se adequaram aos critérios de inclusão o dia e horário para realização das entrevistas, no qual foi explicado e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e solicitado a autorização para gravação da entrevista. Após as entrevistas terem sido realizadas, os dados foram transcritos literalmente, as gravações foram apagadas e analisadas à luz da análise do conteúdo de Bardin (2011), atentando-se à singularidade de cada participante oportunizando aos pesquisadores uma aproximação ao objeto da pesquisa.

De acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa envolvendo seres humanos está sujeita a risco que podem atingir os participantes da pesquisa. Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, considerando-se desconfortos trazidos pelo tema ou mesmo o dispêndio de tempo para a participação. Como devolutiva, as pesquisadoras entregaram uma cópia da versão impressa do Trabalho de Conclusão de Curso no formato de artigo. Também como retorno à sociedade, será enviado para publicação em revista especializada.

Resultados e Discussão

Para a análise do conteúdo, os resultados foram divididos em duas categorias, sendo a primeira Família Monoparental Feminina: Organização e Papéis Sociais e a segunda, Mulher Chefe de Família na Atualidade. Para preservar as identidades das participantes, elas foram nomeadas como M1, M2, M3, M4, M5, M6, M7, M8, M9, M10. O “M” refere à palavra mulher.

Na categoria de análise *Família Monoparental Feminina: Organização e Papéis Sociais* constam-se que os papéis sociais são rituais criados pela sociedade, sendo instituídos às pessoas para que aprendam viver da maneira em que é designado. Tais papéis compreendem a situação social, são muitas das vezes referências para a percepção que se tem do outro e também referências do nosso comportamento. De maneira tradicional os papéis sociais foram destinados ao sexo feminino e ao sexo masculino, antes fortemente demarcados. Atualmente ainda se inserem em um processo de maior flexibilização e há um movimento cada vez mais crescente de (des)construção dessas funções do núcleo familiar. Dessa forma, é possível encontrar organizações monoparentais femininas, em que as mulheres que são provedoras e ainda respondem pela seleção, organização e construção das regras e valores repassados aos filhos (D’ÁVILA, 2000). Neste sentido, as mulheres entrevistadas foram questionadas sobre como se dava a organização da sua família e elas disseram:

M1: Durante a semana é complicado, porque às vezes chego tarde, chego cansada, mas ai nos finais semanas a gente sai (...). Reside eu e minha filha de 21 anos (M1).

M3: Eu procuro colocar o meu filho pra estudar no mesmo horário que trabalho e quando tenho que viajar ou algo parecido, ele fica na casa da avó (...).

M4: Sou mulher chefe de família, residia até 20 dias atrás com meu filho, somente eu e ele (...). Meu filho, resolveu residir sozinho, e eu apoiei. Em termos financeiros eu mantinha a casa e pagava todas as despesas (...). Eu sempre trabalhei muito tempo fora... e a noite, conversávamos, e preparávamos as refeições noturnas e fazíamos nosso planejamento, e trocávamos informações sobre o dia, fins de semana organizávamos a casa juntos.

Analisando o conteúdo das respostas, é possível perceber que as mulheres chefes de família procuram meios mais flexíveis e harmônicos para que as mudanças ocorridas dentro do seu âmbito familiar sejam o menos invasivas possível para as pessoas que ali vivem. Nota-se também que o fato de residirem apenas com o/a (s) filho/a (s) e terem rotinas duplicadas, esteve presente na maioria das respostas.

De acordo com Cúnico e Arpini (2014) a família monoparental feminina passa por transformações, entende-se que geralmente ela irá culminar em uma reorganização familiar e apresentar caráter singular. Foi possível perceber nas falas das entrevistadas como cada um se (re)organiza dentro do seu sistema, no qual dividem as tarefas domiciliar com seus filhos, que fazem programas juntos para finais de semanas. Estudos comprovam que a dupla jornada de trabalho,

profissional e doméstico, foi/é, de fato, uma realidade vivenciada principalmente pelas mulheres chefes de família. Estas se esforçam para demonstrar fortaleza dentro do âmbito familiar e diante dos estereótipos e padrões direcionados a elas na sociedade (ZIBETTI; PEREIRA, 2010).

Nesta segunda categoria de análise: *Mulher Chefe de Família na Atualidade*, as mulheres foram questionadas sobre questionadas sobre a visão das mesmas em relação à monoparentalidade feminina nos dias atuais.

M1: Eu acho muito complicado principalmente por causa do julgamento das pessoas, de você ser mulher e ter que cuidar e criar uma filha sozinha.

M5: Eu acho difícil, porque nós mulheres fazemos muito, a gente trabalha dentro e fora de casa, mas nós não somos remuneradas tanto quanto os homens são. Nós sofremos preconceitos, porque quando diz que quer trabalhar, mas que é mãe de família que tem dois filhos pequenos e não tem ninguém ou um esposo por trás, acaba que nem todo empresa tem uma aceitação.

M9: Nos dias de hoje eu creio que é até mais fácil, porque antigamente as mulheres trabalhavam mais nas roças ou donas de casa. Hoje não, as mulheres conquistaram a sua independência, trabalham fora, então fica mais fácil né, para poder lidar com essa situação,

Nota-se que a maioria relata uma facilidade maior se comparado com o passado, porém ainda com grande preconceito em relação à capacidade financeira e na administração do tempo em relação aos filhos, fazendo assim um julgamento que pode muitas vezes trazer um peso bem maior a esse papel. Sem falar das desigualdades de gênero que se encontram na sociedade, como a diferença de salários por exemplo.

Segundo Verza, Sattler e Strey (2015) *apud* Féres-Carneiro (2011), a formação atual da família monoparental feminina sofreu mudanças ao longo da história, chegando hoje a um reconhecimento melhor que no passado, sendo um modelo de família autônomo representante da família contemporânea por se mostrar como alternativa autêntica e exequível familiar. E em relação ao preconceito trazido por elas em suas falas Jesus, Batista e Grillo (2017) dizem que o preconceito é sofrido tanto pelas mães quanto pelos filhos nos aspectos sociais: as mães não sendo bem vistas por estarem sozinhas e os filhos vistos como "problemáticos" como consequência da falta da figura masculina, ou como revolta em relação à separação e etc. As mulheres chefes de família acabam com uma sobrecarga emocional pela cobrança de responsabilidade em todos os âmbitos, além dos julgamentos.

Considerações Finais

Como resultado da pesquisa, percebeu-se que um dos maiores desafios da mulher na realidade monoparental é a rotina dobrada, pois além de ser provedora do lar desempenha as funções domésticas, maternal e muitas ainda estudam, tendo assim um peso causado pela administração do tempo para exercer todos os papéis que elas apresentam, o que pode gerar certa preocupação em relação a criação dos filhos no sentido de presença. Tal realidade pode provocar nessas mulheres cansaços, desgastes psicológicos e físicos, que com frequência são ocultados e verbalizados como fortaleza e garra.

Diante do exposto, como proposta, este estudo sugere o incentivo ao conhecimento da realidade vivida na família monoparental feminina, pois é por meio do conhecimento que muitos preconceitos serão extintos, tirando assim o peso social que pode ser colocado. Favorece também a compreensão da necessidade da criação de políticas públicas voltadas para esse público. Ademais é importante ressaltar a importância do incentivo à educação no país, pois por meio dela todo um contexto pode ser mudado, facilitando os papéis sociais da mulher que sofre com a preocupação com a educação dos filhos em todos os âmbitos. Portanto, espera-se que este estudo possa possibilitar uma maior visibilidade ao tema incentivando mais pesquisas sobre o assunto, além de servir como incentivo por meio do acesso à realidade do contexto monoparental para elaboração de políticas públicas para apoio das famílias.

Referências

BABIUK, G. A. Famílias monoparentais femininas, políticas públicas em gênero e raça e serviço social. **Universidade Federal de Santa Catarina**. Florianópolis-SC, 2015.

14^o FEPEG

FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA EXTENSÃO E GESTÃO



“O conhecimento (re)Visitado:
Novos desafios para a Universidade”

ISSN: 1806-549X

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CÚNICO, S. D.; ARPINI, D. M. Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família. **Aletheia**. p.37-49, Jan-Ago, 2014.

D'ÁVILA, S. M. G. Relações de gênero no cotidiano familiar. **UFV**, 2000.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**. v. 8, p. 31-38, 2003.

JESUS, M. J.; BATISTA, P. R. S.; GRILLO, R. R. **As famílias monoparentais e o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos**. 2017. Disponível em: <https://www.filantropia.org/informacao/as-familias-monoparentais-e-o-servico-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>. Acesso em: 26 abr. 2020.

MELO, S. C. H.; MARIN, A. H. Influência das composições familiares monoparentais no desenvolvimento da criança: revisão de literatura. **Revista da Spagesp**. v. 17, n.1, p. 4-13, 2016.

ROSAS, J. M. M. P. O afeto como elemento transformador do conceito de família. In: Associação Brasileira de Psicologia Jurídica. **Caderno de psicologia jurídica: psicologia na prática jurídica**. São Luiz: Uniceuma, p. 52-65, 2019.

VERZA, F.; SATTler, M. K.; STREY, M. N. Mãe, mulher e chefe de família: perspectivas de gênero na terapia familiar. **Pensando Famílias**. v.19, n.1, p.46-60, Jun, 2015.

ZIBETTI, M. L. T.; PEREIRA, S. R. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**. n. 2, p. 259-276, 2010.